

ABORDAGEM SOBRE COOPERATIVISMO ENTRE MÉDICOS ANESTESIOLOGISTAS: Um estudo em uma cooperativa médica

Autores: (1) Maria de Fátima Oliveira dos Santos, (2) André Pacelli Bezerra Viana, (3) Marília Augusta Raulino Jácome, (4) Ana Laís Oliveira dos Santos

Filiação: (1) Centro Universitário de João Pessoa-Unipê; (2) Presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras do Estado da Paraíba (OCB-PB); (3) Universidade Federal da Paraíba (UFPB – Campus IV); (4) Centro Universitário Internacional – UNINTER.

E-mail:(1) fatimadeosantos@hotmail.com; (2) andrepacelli@gmail.com; (3) raulino.marilia@gmail.com; (4) analais25@hotmail.com

Eixo Temático 2: Educação e Aprendizagem

Resumo

O presente estudo teve por objetivo avaliar o conhecimento de médicos anestesiológicos da cidade de João Pessoa - Paraíba, sobre cooperativismo e a expectativa quanto à sua cooperativa. O estudo exploratório envolveu 78 cooperados com exercício profissional na Cooperativa dos Anestesiologistas da Paraíba (Coopanest-PB). Os dados foram coletados mediante entrevista semiestruturada e analisados qualitativamente por meio da técnica de análise de conteúdo. Na análise de conteúdo dos dados coletados, emergiram três categorias temáticas para o conhecimento sobre cooperativismo: união de pessoas com interesses comum, melhores resultados econômicos e progresso coletivo para uma valorização profissional. Em relação à questão acerca da expectativa quanto à cooperativa, obteve-se a classificação em três categorias: respeito aos direitos dos cooperados, sustentabilidade e gestão transparente com prestação de contas. Os resultados deste estudo, contribuem para os médicos cooperados, na reflexão dos princípios cooperativistas como agregadores deste modelo organizacional, promovendo a disseminação do cooperativismo para novos sócios/cooperados.

Palavras-chaves: Cooperativismo. Sustentabilidade. Cooperativas de saúde.

Abstract



The present study aimed to evaluate the knowledge of anesthesiologists in the city of João Pessoa - Paraíba, about cooperativism and the expectation of their cooperative. The exploratory study involved 78 co-workers with professional practice at the Paraíba Anesthesiologists Cooperative (Coopanest-PB). The data were collected through a semi-structured interview and analyzed qualitatively through the technique of content analysis. In the content analysis of the collected data, three thematic categories for the knowledge about cooperativism emerged: union of people with common interests, better economic results and collective progress for a professional valorization. Regarding the question about the



expectation regarding the cooperative, it was classified into three categories: respect for cooperative rights, sustainability and transparent management with accountability. The results of this study contribute to the cooperative doctors in the reflection of the cooperative principles as aggregators of this organizational model, promoting the dissemination of cooperativism to new members / members.

Keywords: Cooperativism. Sustainability. Health cooperatives.

1. Introdução

O Brasil é o quinto país em maior número de habitantes, ultrapassa 208 milhões de pessoas, segundo o IBGE (2018). Assim, boa parte desses indivíduos buscam sua sobrevivência econômica e financeira, como pessoas físicas efetivamente ativas no mercado econômico. Nesse rumo, verifica-se o crescimento do cooperativismo como forma de organização social, e muito se tem discutido sobre a importância do cooperativismo no Brasil, como terceiro mercado financeiro, e seus reflexos sociais e econômicos a nível nacional, já que a participação das cooperativas se faz presente em todas as áreas da atividade econômica (CENZI, 2012).

Considerando este segmento de mercado de trabalho, os indivíduos se reúnem em um movimento social em busca de conquistas financeiras e mercadológicas, pautando-se em princípios claros, definidos na filosofia do cooperativismo e que ganha força a partir da união de pessoas que se juntam voluntariamente, conforme a Lei nº 5.764/1971 que rege o cooperativismo no Brasil (BRASIL, 2008). Além disso, os princípios do cooperativismo promovem diversos estímulos à participação desses indivíduos no mercado de trabalho, tais como: cooperação entre pessoas, participação de todos nas decisões, retorno dos resultados aos cooperados, ausência de vínculo empregatício e trabalho em conjunto para melhoria de vidas (AMORIM *et al.*, 2018).

É mister registrar que as organizações estão cada vez mais almejando estratégias para se manterem sustentáveis no mercado e capazes de afastarem os obstáculos impostos pelos cenários aos quais estão expostas. Assim, para aumentar suas chances de sobrevivência coletiva o homem se vale dos modelos de cooperação, desde o início da civilização (GASPARATOS; EL-HARAM; HORNER, 2008). Na perspectiva de transformar para melhorar as relações sociais e o modo de produção, nasce o cooperativismo, se caracterizando como organizações abertas que conectam pessoas de diversos segmentos e que se apresentam como modelo econômico sustentável (BIALOSKORKI NETO, 2001).

O surgimento do Cooperativismo como movimento social, traduzido numa filosofia de vida, vem compartilhar um modelo socioeconômico capaz de promover o desenvolvimento econômico e bem-estar social, tendo como fundamentos: participação democrática, solidariedade, independência e autonomia (OCB, 2014).

Destarte, nas últimas décadas, os modelos de produção passaram por transformações para atender a novas demandas, e nesse sentido as cooperativas têm sido uma alternativa de negócios, pois são organizadas com peculiaridades econômicas e sociais diferentes das organizações mercantis. Por



sua expansão e representatividade econômica, as cooperativas foram divididas em 13 ramos, sendo eles: Agropecuário, Consumo, Crédito, Educacional, Especial, Infraestrutura, Habitacional, Produção, Mineral, Trabalho, Turismo, Transporte e Saúde, sendo este último, o segmento a que se direciona deste trabalho.

Nesse sentido, as cooperativas de saúde podem ser compostas pelos diversos profissionais da saúde: fisioterapeutas, enfermeiros, psicólogos, médicos, dentre outros. Os médicos têm se organizado em cooperativas de serviços para atingir seus objetivos enquanto profissionais liberais, fortalecer o cooperativismo como modelo de negócio inteligente e satisfazer suas necessidades, uma vez que esse modelo de gestão se apresenta como um sistema moderno, sustentável e que agrega valor aos sócios médicos (BARBIERI *et al.*, 2010).

O objetivo deste estudo foi avaliar o conhecimento sobre cooperativismo entre médicos anesthesiologists da cidade de João Pessoa/Paraíba e a expectativa quanto à sua cooperativa.

A Coopanest-PB foi fundada em 1988 na cidade de João Pessoa e é formada por 150 cooperados que realizam suas atividades de trabalho médico, através de serviços negociados pela cooperativa junto as Operadoras de Plano de Saúde (OPS), hospitais e clínicas da cidade.

2. Fundamentação Teórica

O cooperativismo teve origem como organização de trabalhadores na Inglaterra, período da Revolução Industrial, em 1844, em Rochdale. Por meio de movimento, de um grupo tecelões que fundaram uma cooperativa de consumo denominada *Rochdale Society of Equitable Pioners*, cujo objetivo era encontrar formas para melhorar a situação econômica dos trabalhadores. Atualmente, o órgão representativo do movimento cooperativista mundial é a Aliança Cooperativa Internacional (ACI), (SALES, 2010).

Na visão de Benecke (1980), as cooperativas são reconhecidas legalmente como uma das formas de organização de empreendimentos coletivos, elas se apresentam como alternativa capaz de unir crescimento econômico e bem-estar social, pois as pessoas estão percebendo o poder da cooperação para o desenvolvimento das sociedades e dos indivíduos.

Ainda enquanto modelo de gestão que valoriza o capital humano, em detrimento do lucro, a cooperativa é um meio para que um determinado grupo de indivíduos atinja objetivos específicos, por meio de um acordo voluntário para cooperação recíproca, atuando no mercado e desenvolvendo atividades de consumo, produção, crédito, prestação de serviços e comercialização para seus cooperados, sendo responsável por uma parcela significativa da geração de renda e empregos de uma sociedade (WEBERLING, 2014).

Neste norte, considerando a relevância do mercado de cooperativas do ramo da saúde no Brasil, as cooperativas se apresentam como um modelo sustentável, sendo reguladas pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS).

A Lei do Cooperativismo estabelece que a sociedade será administrada por uma Diretoria ou Conselho de Administração, composto exclusivamente de associados eleitos pela Assembleia Geral. Para gerenciar uma cooperativa do ramo da saúde se faz necessário a utilização de modelos de boas práticas de



Governança Corporativa (GC) que têm por finalidade otimizar o desempenho da empresa, e visando o objetivo das partes interessadas (BÜTTENBENDER, 2010).

Nesse cenário, as cooperativas de saúde se deparam com o desafio de permanência no mercado, e isso as impulsiona a aderir aos mecanismos de controle interno, visto que este tipo de controle se materializa como um processo efetuado por uma entidade e projetado para dar uma garantia razoável da realização dos seus objetivos. Os controles internos das cooperativas têm especial importância no mercado de saúde, posto que elas operam em um ambiente de risco, onde as falhas internas repercutem diretamente na capacidade das cooperativas de arcarem com as obrigações necessárias para o atendimento integral e com a prestação de assistência à saúde de seus clientes (JÁCOME, 2018). Nesse entendimento, a Agência Nacional de Saúde Suplementar monitora e regula medidas para avaliar o equilíbrio econômico-financeiro das cooperativas de saúde, verificando, inclusive, sua capacidade de se manter em dia com as obrigações financeiras junto a seus prestadores (JÁCOME, 2018).

3. Material e Método

Este estudo, de natureza exploratória, descritiva e de abordagem qualitativa, foi realizado na Cooperativa de Anestesiologistas da Paraíba (Coopanest-PB), na cidade de João Pessoa. A população foi composta por 150 médicos cooperados que atuam por meio da cooperativa, em que a amostra final foi representada por 78 cooperados que aceitaram participar (52% dos médicos anestesiologistas), mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ressalta-se que o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sendo registrada sob o protocolo de N° 95/17. Os participantes tiveram garantidos, ainda, dentre outros aspectos éticos, o sigilo e o anonimato das informações, conforme preconiza a Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

A coleta de dados foi desenvolvida mediante a técnica de entrevista individual semiestruturada, realizada no período de janeiro a março de 2019, sendo subsidiada pelas seguintes questões norteadoras: “Qual o seu conhecimento sobre cooperativismo? O que você espera da sua cooperativa?” Os dados suscitados nas entrevistas foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo, possuindo o tema como a unidade de significado. A análise de conteúdo temática significa o recorte do conjunto das entrevistas por meio de uma grelha de categorias projetadas sobre os conteúdos, levando-se em consideração a frequência dos temas extraídos do discurso (BARDIN, 2010).

Constituído o *corpus* do trabalho (transcrição da totalidade das entrevistas), passou-se à fase de sua decomposição em unidades menores ou elementos constitutivos, também chamados unidades de análise, as quais foram agrupadas a partir de características comuns ou aproximadas, gerando categorias temáticas, obedecendo às regras de exclusividade, de homogeneidade e de pertinência.

Após a definição do corpo de categorias e a extração dos segmentos e das frequências de unidades de análise pertinentes a cada categoria, como mencionado, fez-se a análise dos dados por meio de uma abordagem qualitativa, a qual foi ancorada na literatura específica. Buscando-se a organização para

 futura discussão dos dados, os entrevistados foram identificados pela letra E, seguido do numeral correspondente à ordem das entrevistas, variável de 1 a 78, número de participantes da pesquisa.

4. Resultados

Os resultados foram levantados com base nas respostas dos 78 médicos anesthesiologists, sócios de uma cooperativa médica do ramo saúde. No que se refere ao perfil da amostra, os dados revelaram que 60 indivíduos (77%) pertenciam ao sexo masculino e 18 (23%) ao sexo feminino. Houve boa receptividade entre os participantes. Todos se mostraram interessados e motivados a responder à entrevista.

As unidades de análise (temas) presentes nas falas dos participantes do estudo permitiram gerar três categorias para a seguinte questão norteadora: “O que você entende por Cooperativismo”?

Tabela 1 - Categorias e distribuição das unidades de análise referente ao conhecimento de médicos anesthesiologists sobre cooperativismo

Categorias	Unidades de análise	
	n	%
União de pessoas com interesses comuns	29	53,70
Melhores resultados econômicos	10	18,52
Progredir coletivamente para uma valorização profissional	15	27,78
Total	54	100,0

Fonte: Dados empíricos da pesquisa, João Pessoa-PB, 2018.

Como se observa na Tabela 2 e partindo do que pressupõe Bardin (2010), quanto mais se fala de um tema, mais importante ele é para quem produz o discurso e categoria mais forte em termos de unidade de contexto elementar (UCE).

Assim, na questão norteadora “O que você espera da sua cooperativa”? as UCE presentes nas falas dos participantes do estudo permitiram gerar 3 categorias.

Tabela 2 - Categorização das Unidades de Contexto Elementar (UCE), selecionadas das falas

Categorias	Unidades de análise	
	n	%
Respeito aos direitos dos cooperados	6	17,65
Sustentabilidade	15	44,12
Gestão transparente com prestação de contas	13	38,24
Total	34	100,0

Fonte: Dados empíricos da pesquisa, João Pessoa-PB, 2018.

5. Discussão

A análise das questões norteadoras do estudo proposto foi realizada qualitativamente mediante a técnica de Bardin (2010), como visto acima. A compreensão sobre “cooperativismo” dos participantes foi classificada em três categorias temáticas: União de pessoas com interesses comuns; Melhores

 resultados econômicos; Progredir coletivo para uma valorização profissional, conforme verificado na Tabela 1.

Categoria I - União de pessoas com interesses comuns

As falas dos participantes evidenciam consonância com o conceito de cooperativismo, qual seja, organização de pessoas unidas pela cooperação e ajuda mútua e geridas de forma democrática e participativa com objetivos econômicos e sociais comuns (BRASIL, 1971).

[...] Grupo de pessoas com os mesmos interesses (E3). [...] União de entidades com objetivos comuns e ajuda mútua (E4). [...] É uma cooperação entre pessoas cujos objetivos de trabalho sejam comuns [...] em relação aquilo que produzem (E5). [...] Grupo de pessoas que se juntam com uma finalidade em comum (E6). [...] Que tem em comum objetivo e fim (E7). [...] Modo de organização laboral na qual um grupo de pessoas se junta para trabalhar em prol de um objetivo comum (E10). [...] Um por todos e todos por um (E12). [...] Conjunto de pessoas reunidas espontaneamente para exercer atividade comum (E15).

É importante destacar que os médicos cooperados entendem o cooperativismo como a união de indivíduos que têm interesses comuns e se utilizam da ajuda mútua para atingir seus objetivos (OLIVEIRA, 2012).

Segundo Chaddad e Cook (2004), considera-se uma cooperativa a organização criada por um conjunto de indivíduos que compartilham algum interesse comum e percebem que, por meio de uma organização formal, esse objetivo comum é mais facilmente atingido, e esse interesse comum é a oferta de um bem coletivo.

Portanto, é possível tratar a cooperativa como um grupo de indivíduos que se organizam para ofertar um bem coletivo e, dessa forma, atender a um interesse comum, sendo necessária uma espécie de coordenação, formal ou não, das ações individuais, ou seja, a sobrevivência do grupo depende de sua capacidade de gerar benefícios líquidos a seus membros, de modo a motivá-los a permanecer no grupo e a agir em seu interesse comum (SERIGATI; AZEVEDO, 2013).

[...] Uma relação entre indivíduos que têm objetivos comuns, que na teoria se ajudam mutuamente seguindo com preceitos de igualdade (E17). [...] União de pessoas com objetivo único (E18). [...] Associação de pessoas com interesses assemelhados que se juntam (E19). [...] Cooperativismo é o ato de cooperados se juntarem em prol de um bem comum (E34). [...] Um grupo de pessoas que trabalham em prol da classe que os une, visando o crescimento e o sucesso profissional de todos (E36). [...] União de pessoas que praticam uma mesma atividade com o objetivo de progredir coletivamente. [...] Cooperativismo é uma modalidade na qual as pessoas que possuem os mesmos interesses e atividades se unem em busca de soluções de melhorias (E44).

Parte dos entrevistados considerou como importante a missão da organização de promover a união de pessoas:

[...] O cooperativismo para mim é um grupo de profissionais que se reúnem em torno de uma missão (E20). [...] União de pessoas com um objetivo comum (E28). [...] Um grupo de pessoas que tem os mesmos



interesses (E22). [...] No cooperativismo estão todos em prol do bom funcionamento de uma missão comum (E31). [...] Reunião de indivíduos em favor de uma missão com ajuda mútua (E41).

[...] Cooperativismo é a associação de pessoas ou grupos com os mesmos interesses, a fim de obter vantagens comuns (E47). [...] O trabalho conjunto de todos por um e de um por todos (E48). [...] União, doação para um fim comum (E52). [...] Junção de pessoas com interesse comum (E58). [...] Cooperativismo é o ato de união entre profissionais de qualquer área (E61). [...] Abdicar de interesses pessoais em favor do coletivo (E66). [...] Conjunto de pessoas com objetivos comuns e ajuda mútua que procura facilitar e propiciar os meios para alcançar esses objetivos (E68). [...] É uma doutrina que reúne um conjunto de pessoas que buscam o mesmo objetivo em prol do desenvolvimento em conjunto (E71). [...] Conjunto de pessoas com finalidade em comum socioeconômica (E72). [...] Associação solidária com um objetivo em comum (E77).

Categoria II – Melhores resultados econômicos

Nas falas transcritas abaixo verificamos que, conforme a percepção dos cooperados, o cooperativismo proporciona melhores resultados econômicos, uma vez que os sócios visam incrementos econômicos para si promovendo vantagem econômica e eliminação de intermediários no processo produtivo, fazendo com que a riqueza alcançada venha a compor o patrimônio do cooperado (DEBOÇA; HOCAYEN-DA-SILVA, 2009).

[...] Conseguir receber de forma justa meus honorários médicos (E1). [...] Em busca do êxito de suas atividades socioeconômicas (E3). [...] Um melhor resultado em relação aquilo que produz (E5). [...] Distribuindo os resultados provenientes destes, ora positivo (E7). [...] Determinando interesse econômico ou social juntam esforços para desenvolver uma atividade (E16). [...] Estratégias de remuneração financeira (E19). [...] Tentar obter lucro na sua atividade econômica, sempre pensando no coletivo (E22). [...] Melhor remuneração e menor tributação, além de ter um papel social (E35). [...] Obter vantagens comuns em suas atividades econômicas [...] O fator econômico, o cooperativismo atua no sentido de reduzir custo e oferecer melhor preço nos produtos e serviços (E47). [...] A fim de obter vantagens econômicas e melhorar a lucratividade individual (E67).

A questão econômica é bastante representativa nesse tipo de organização. Os entrevistados manifestaram preocupação pelos resultados financeiros, corroborando com um dos princípios do cooperativismo, qual seja, participação econômica dos membros para viabilidade do negócio.

Sendo uma alternativa econômica e social, o cooperativismo tem se adaptado bem na área da saúde, aglutinando profissionais médicos de diversas especialidades.

Categoria III – Progredir coletivamente para uma valorização profissional

As falas dos participantes do estudo, os cooperados anestesiológicos, revelam sua preocupação em progredir coletivamente. As concepções dos entrevistados guardam relação com o que aborda Antonialli (2000), ou seja, as



cooperativas são organizações democráticas e seus membros controlam a cooperativa e participam ativamente da formulação das políticas das tomadas de decisões, logo ela pode progredir e valorizar seu capital intelectual que são seus sócios.

[...] Produção com o objetivo de um melhor resultado em relação aquilo que produz conjuntamente (E5). [...] Criar oportunidades de trabalho onde a coletividade possa se beneficiar no futuro (E8). [...] Juntos em busca de melhores condições de trabalho, campo de trabalho e valorização (E12). [...] Organização de trabalho onde busca-se uma valorização deste com a manutenção perene da qualidade (E14). [...] Atuam numa frente de trabalho semelhante para alcançar melhores resultados, pensando sempre no bem maior para todos (E21).

Os médicos anesthesiologistas cooperados em suas falas evidenciam o reconhecimento da importância de progredir coletivamente, sendo esta compreendida na categoria: “Progredir coletivamente para uma valorização profissional”:

[...] O cooperativismo é pessoas com produto a ser comercializado se reúnem para facilitar negociação do seu produto de forma justa e organizada, obtendo para isto suporte técnico (E25). [...] Buscar o melhor para os cooperados e compradores do serviço da cooperativa (E26). [...] Fortalecer a especialidade e não deixar outros colegas desamparados (E34). [...] O cooperativismo é trabalhar em prol da classe que os une, visando o crescimento e o sucesso profissional de todos (E36). [...] Praticam uma mesma atividade com o objetivo de progredir coletivamente (E40). [...] Em comum objetivo, os seus associados valorizam e viabilizam seus negócios no mercado de trabalho (E45). [...] Se associam enquanto força de trabalho no intuito de obterem melhores condições de trabalho e remuneração (E51).

O cooperativismo é uma filosofia de vida para construir um mundo melhor, surgiu para se defenderem da espoliação quando vendiam ou compravam mercadorias, tornando-se uma das melhores alternativas para atender aos interesses da comunidade (FRANTZ, 2003).

[...] Prestar um serviço com dignidade e qualidade tanto para o paciente quanto para os profissionais (E57). [...] Doutrina pautada na interação social dos indivíduos (cooperação) visando o desenvolvimento de seus integrantes (E74). [...] Usa o desenvolvimento de pessoas coletivamente (E75).

Quanto à análise da segunda questão norteadora “O que você espera da sua cooperativa?”, foi proposto traçar paralelos entre três categorias que surgiram da questão, que guardam consonância com as políticas do cooperativismo.

Categoria I – Respeito aos direitos dos cooperados

Na categoria “respeito aos direitos dos cooperados”, evidencia-se que os participantes do estudo valorizam os seus direitos, pois a Lei Nº 5.764/71 normatiza os direitos e deveres de cooperado, e entre os direitos temos: votar e



ser votado, participar de todas as operações da cooperativa, convocar a assembleia, caso seja necessário, bem como pedir esclarecimentos ao conselho de administração, opinar e defender suas ideias, assim como propor ao conselho de administração medidas de interesses da cooperativa (OCERGS, 2017).

[...] Espero que respeitem os direitos dos cooperados (E4). [...] Lutar pelos direitos do cooperados (E10). [...] A cooperativa deve ter responsabilidade e compromisso com os direitos dos cooperados (E18). [...] Respeito ao Estatuto Social da cooperativa quanto aos direitos dos cooperados (E33). [...] Cumprir as obrigações na defesa dos direitos dos cooperados no que a cooperativa se propõe (E67). [...] Compromisso com os direitos dos cooperados na valorização dos sócios (E43).

Categoria II – Sustentabilidade

Nos depoimentos, identifica-se que a presença ~~podemos perceber que~~ da categoria “sustentabilidade” enuncia a preocupação que os médicos cooperados têm com seu negócio, o que vem a corroborar com o pensamento de Barbieri *et al.* (2010). Este afirma que a dimensão econômica produz preocupação constante na busca da eficiência econômica, sem a qual as organizações não se perpetuariam. Assim, as falas dos cooperados reconhecem que as cooperativas precisam ser sustentáveis para obter melhores receitas, o que requer da organização um maior esforço para atender tecnicamente a tal requisito e caminhar na gestão profissional com projetos de inovação.

[...] Espero que a mesma cresça, no cenário político atual, como um modelo sustentável (E2). [...] Fortalecimento e êxito nos projetos socioeconômicos (E3). [...] Manutenção de um mercado de trabalho justo e sustentável (E10). [...] Espero uma organização com êxito para os cooperados (E17). [...] Que a cooperativa melhore cada vez mais a remuneração dos nossos serviços com eficiência (E19). [...] Que cresça cada vez mais, com responsabilidade e organização (E22). [...] Espero que a mesma cresça dentro dos princípios cooperativistas e se torne cada vez mais forte (E 23). [...] Que cumpra sua função com a melhor remuneração e menor custo (E35).

A fala dos participantes revela que a “sustentabilidade” é fundamental para a condução da cooperativa nesse mercado competitivo. Nesta perspectiva, Elkington (1994), criador do termo Triple Bottom Line, afirma que a sustentabilidade é o equilíbrio entre os três pilares: ambiental, econômico e social. Com o mesmo entendimento, a expectativa de que as empresas devem contribuir de forma progressiva com a sustentabilidade surge do reconhecimento de que os negócios precisam de mercados estáveis, e que devem possuir habilidades tecnológicas, financeiras e de gerenciamento necessário para possibilitar a transição rumo ao desenvolvimento sustentável.

[...] A valorização da especialidade dentro do mercado de trabalho, tornando sustentável através de um objetivo em comum (E45). [...] Uma cooperativa que caminha no crescimento, empreendimento e prosperidade para todos os sócios e outras gerações de cooperados (E54). [...] Que ela continue a agregar os anestesiológicos paraibanos, com a justa valorização dos honorários profissionais (E55). [...] Uma organização que seja um norte para enfrentar o mercado de trabalho (E56). [...] Ofereça condições de trabalho com resultados positivos na



prestação dos serviços (E69). [...] Uma cooperativa organizada na forma de gestão profissional, que busca novos mercados de trabalhos para os cooperados (E70). [...] Uma cooperativa dinâmica que continua ampliando seu mercado de trabalho para os sócios, de maneira que não falte trabalho (E72).

Categoria III – Gestão transparente com prestação de contas

Considerando o seguinte questionamento aos participantes do estudo: “O que você espera da sua cooperativa?”, foi possível categorizar “gestão transparente com prestação de contas” pelas seguintes falas:

[...] Eu espero receber meus honorários sempre de forma justa conforme meu trabalho (E1). [...] Que seja transparente, democrática e eficiente (E8). [...] Transparência, efetividade, coerência (E12). [...] Diminuir os custos administrativos (E13). [...] Espero uma organização transparente, com propósito, comprometimento e êxito para a cooperativa e cooperados (E17). [...] Que seja mais transparente e igual para todos (E20). [...] Uma cooperativa com ética e transparência nos atos da administração (E21). [...] Controle de receitas e sua distribuição de forma transparente (E25).

A “gestão transparente com prestação de contas” é fundamental nos processos de gestão, uma vez que as organizações têm buscado as melhores práticas pautadas na governança corporativa. Assim, no que diz respeito à prestação de contas, os agentes de governança devem prestar contas de sua atuação, assumindo integralmente as responsabilidades e consequências de seus atos e omissões (IBGC, 2009).

É possível observar nas falas que esta preocupação existe. Nessa perspectiva, Pivoto (2015), afirma que a gestão transparente com prestação de contas é a obrigação de informar e o dever de disponibilizar para as partes interessadas as informações que sejam de seu interesse, não sendo apenas aquelas impostas por disposições legais e regulamentares.

[...] Transparência e bom senso (E31). [...] Clareza nas ações com critérios claros na distribuição das atividades, prezando por igualdade no tratamento a todos, diretoria ativa na defesa do cooperado (E37). [...] Uma cooperativa com ética e transparência nos atos da administração (E39). [...] Que tenha um bom controle de contas, com organização e apresentação das contas aos cooperados (E65). [...] Um controle fiscal rigoroso, com transparência nas contas com relatórios, uma gestão com abertura de mercados de trabalho (E77).

A Lei Nº 5.764/71 estabelece que “a sociedade cooperativa será administrada por uma diretoria ou conselho de administração, composta exclusivamente de associados eleitos pela Assembleia Geral” (AG), logo, deixa clara a função específica para a qual estes foram eleitos. Esta é a organização formal com hierarquia institucional na qual o associado participará manifestando suas aspirações ou julgando as questões apresentadas pela administração nas AG (BRASIL, 1971).

Assim, as cooperativas precisam se atualizar e se adequar às mudanças na forma de gerir sua organização, com implantação de novas metodologias de gestão, com controles internos mais rigorosos, a partir de planejamento estratégico com a participação dos cooperados e enfatizando a educação



cooperativista. Entretanto, por não terem em suas competências práticas de gestão, abrangendo planejamento e execução, passam por problemas de controles ~~necessitando de demonstrações para os cooperados~~ (ANTONIALLI, 2000).

6. Conclusão

O estudo se desenvolveu a partir da necessidade de se compreender o que os médicos anesthesiologistas sócios de uma cooperativa de serviços médicos da Paraíba conheciam sobre o cooperativismo e às suas expectativas quanto a sua cooperativa. Este modelo de sociedade se encontra no campo filosófico e sua prática de gestão deve ser pautada em princípios.

Nessas considerações, salienta-se que os dados aqui produzidos revelam uma realidade que foi recortada e que traduz experiências e vivências experimentadas de modo particular. Assim, os pesquisadores não pretendem formatizar conclusões sistemáticas, apenas apresentar ideias e considerações provisórias, não cabendo generalizações, mas, um processo de reflexões que deve ser continuado.

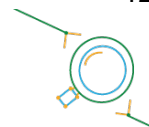
Uma vez pontuadas essas reflexões, passa-se a sumarizar a impressão do fenômeno observado pelos pesquisadores. Embora o cooperativismo seja bem diversificado em seus ramos, ele incorpora questões subjetivas. Para atender cabalmente aos requisitos legais propostos na lei do cooperativismo N° 5.764/71, se requer a adoção da disseminação entre seus sócios do que venha a ser o cooperativismo e o que a cooperativa representa para seus sócios, bem como a razão da necessidade de se priorizar ações de educação cooperativistas.

Ficou evidenciado que o cooperativismo representa a união de pessoas com objetivos comuns em busca de melhores resultados econômicos e com a intenção de progredir coletivamente para uma valorização profissional, o que deixa claro a essência do modelo cooperativista, assim, a expectativa do cooperado acerca da cooperativa, enquanto organização. As falas estão permeadas de termos correlatos de respeito aos direitos dos cooperados, a sustentabilidade e a gestão transparente com prestação de contas.

Ante o exposto, o estudo possibilita um novo olhar no que concerne ao entendimento desses profissionais sobre o que é cooperativismo como ferramenta de suma importância para fortalecer o modelo cooperativista que inspira confiança.

O cooperativismo no curso de profissionais liberais é de extrema importância, pois permite que o profissional exerça sua atividade de maneira diversificada, aliada ao processo de ajuda mútua, possibilitando melhor remuneração e novos campos de trabalho junto à cooperativa como intermediária de serviços.

Nesse contexto, evidencia-se a relevância da reflexão sobre o que o cooperativismo representa para os seus cooperados. Assim sendo, ressalta-se o envolvimento dos dirigentes das cooperativas na disseminação do quinto princípio do cooperativismo, qual seja, educação, treinamento e formação no conhecimento do que vem a ser o cooperativismo e o que é fazer parte de uma cooperativa.



Referências

AMORIM, K. *et al.* A influência da educação financeira na inserção dos investidores no mercado de capitais brasileiro: um estudo com discentes da área de negócios. **RACE - Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, v. 17, n. 2, p. 567-590, 28 ago. 2018.

ANS – Agência Nacional de Saúde Suplementar. 2019. Disponível em: <www.ans.gov.br>. Acesso em: 04 abr. 2019.

Caderno de Informação de Saúde Suplementar. Rio de Janeiro: dez. 2017.

ANTONIALLI, Luiz Marcelo. Influência da mudança de gestão nas estratégias de uma cooperativa agropecuária. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 135-159, abr. 2000.

BARBIERI, J. C. *et al.* Inovação e Sustentabilidade: Novos Modelos e Proposições. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 2, p.146-154, abr./jun. 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BENECKE, Dieter W. **Cooperação e desenvolvimento**: O papel das cooperativas no processo de desenvolvimento econômico nos países de terceiro mundo. Porto Alegre: Coojornal; Recife: Assocene, 1980.

BIALOSKORKI NETO, S. **Cooperativas**: economia, crescimento e estrutura de capital. São Paulo: OCESP/SESCOOP-SP, 2001.

BRASIL. **Lei nº 5.764**, de 16 de dezembro de 1971. Institui o regime jurídico das sociedades cooperativas. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/5764.htm>. Acesso em: 02 mar. 2019.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 5764, de 16 de dezembro de 1971. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 dez. 1971.

BÜTTENBENDER, Pedro Luís. Importância dos supermercados em cooperativas de produção: um estudo comparativo em seis cooperativas no Rio Grande do Sul. In: _____. **Cooperativismo na Região Nordeste do Rio Grande do Sul**: experiências de gestão cooperativa e de promoção do desenvolvimento. Porto Alegre/RS: Editora Sescop/RS, 2010. p. 49-72.

CARVALHO, R. R. P.; FORTES, P. A. de C.; GARRAFA, V. A saúde suplementar em perspectiva bioética. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, São Paulo, n. 59, v. 6, dez. 2013.



CENZI, Neiri Luiz. **Cooperativismo**: desde as origens ao projeto de lei da reforma ao sistema cooperativo brasileiro. 1. ed. Curitiba: Juruá, 2012.

CHADDAD, F. R.; COOK, E. M. L. Entendendo Novos Modelos Cooperativos: Uma Propriedade - Tipologia dos Direitos de Controle. **Revisão de Economia Agrícola**, v. 26, ed. 3, p. 348-360, 2004.

DEBOÇÃ, L. P.; HOCAYEN-DA-SILVA, A. J. Aspectos de estruturação organizacional em cooperativas agropecuárias: um estudo de caso. **Revista de Economia e Administração**, v. 8, n. 4, p. 391-408, out./dez. 2009.

ELKINGTON, J. Towards the suitable corporation: win-win-win business strategies for sustainable development. **California Management Review**, v. 36, n. 2, p. 90-100, 1994.

FRANTZ, W. **Caminhos para o desenvolvimento pelo cooperativismo**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2003.

GASPARATOS, A.; EL-HARAM, M.; HORNER, M. A critical review of reductionist approaches for assessing the progress towards sustainability. **Environmental Impact Assessment Review**, v. 8, n. 4-5, p. 286-311, 2008.

GOVERNO DO BRASIL. População brasileira ultrapassa 208 milhões de pessoas. **IBGE**, 2018. Disponível em: <
<http://www.brasil.gov.br/noticias/cidadania-e-inclusao/2018/08/populacao-brasileira-ultrapassa-208-milhoes-de-pessoas-revela-ibge>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

IBGC - Instituto Brasileiro de Governança Corporativa. **Código das Melhores Práticas de Governança Corporativa**. 4. ed. São Paulo, SP: IBGC, 2009.

JÁCOME, Marília A. R. **Regulação como indutora de práticas de controle interno na saúde suplementar**. Dissertação de Mestrado em Contabilidade, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, Brasil. 2018.

_____. **Guia das melhores práticas de governança para as cooperativas**. São Paulo: IBGC, 2015. p. 15-16.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados Infográficos**. 2013. Acesso em: 04 fev. 2019.



MACIEL, Ana Paula Blanke *et al.* Governança em Cooperativas: Aplicação em uma Cooperativa Agropecuária. **Artigos Tecnológicos**: Governança em Cooperativas, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 600-619, jul./ago. 2018.

MAZZA, Vera Maria de Souza. Cooperativismo e Sustentabilidade: Um Estudo Sobre a Produção Científica na Base Web of Science. **Revista de Gestão e Organizações Cooperativas**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 12-22, nov. 2014.



MEINEN, E.; PORT, M. **O cooperativismo de crédito: ontem, hoje e amanhã.** Brasília, DF: CONFEBRAS, 2012.

OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras. 2014. Disponível em: <<http://www.ocb.org.br>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

OCERGS - Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul. **Expressão do Cooperativismo Gaúcho**, 2015. Brasília: OCERGS, 2017.

_____. **Resolução SESCOOP/RS. 02/2006.** Aprova o Programa UNI_SESCOOP/RS e fixa as diretrizes e as normas para a concessão de bolsas de estudo. Disponível em: <<http://www.ocergs.com.br>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Manual de gestão das cooperativas: uma abordagem prática.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

PIVOTO, Dieisson. **Governança Cooperativa: uma análise dos problemas dos direitos de propriedades difusos nas cooperativas agropecuárias do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: SESCOOP/RS, 2013. 130p.

SALES, J. E. Cooperativismo: Origens e Evolução. **Revista Brasileira de Gestão e Engenharia**, Centro de Ensino Superior de São Gotardo, n. 1, jan./jun. 2010.

SERIGATI, F. C.; AZEVEDO, P. F. Comprometimento, características da cooperativa e desempenho financeiro: uma análise em painel com as cooperativas agrícolas paulistas. **Revista de Administração**, v. 48, n. 2, p. 222-238, 2013.

SESCOOP - Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo. **Manuais para Capacitação – Módulo I – Curso de Formação Conselheiros Fiscais**, 2017.

WEBERLING, Susana Iglesias. **Autogestão e Cooperação em uma perspectiva cooperativista e sistêmica: o contexto cooperativo espanhol e brasileiro.** Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2014.

